

Passarela obrigatória da elite

Seu primeiro nome foi Rua Direita das Portas de Santa Luzia — as portas da direção sul de um dos limites de Salvador ficavam na parte alta da cidade (atual Praça Castro Alves) e existia uma capela em homenagem a Santa Luzia erguida no local desde os primeiros tempos de fundação.

Ainda na Colônia foi batizada de Rua dos Mercadores e mais tarde de Rua Direita de Palácio, já como menção ao Palácio Rio Branco, do governo, construído no Paço Municipal (Praça Municipal), numa das extremidades da rua.

Com a visita de um navio-escola de oficiais da Marinha do Chile em julho de 1902 — a cidade ficou em festa por causa disso —, o prefeito Eduardo Freire de Carvalho Pinto (1900 — 1903), por fim, conferiu-lhe o nome definitivo.

Em homenagem àquele país, sancionou a Lei 577 no dia 16 do mesmo mês autorizando a mudança. Duas lápides de mármore foram colocadas nas extremidades da rua durante solenidade.

Rua principal — A partir daí, a Chile foi melhorada, ganhou beleza e se transformou na rua principal da cidade. Com a chegada da iluminação elétrica tornou-se passarela obrigatória da elite intelectualizada baiana.

Foi alargada na administração de Júlio Viveiros Brandão (1912-1915) para obedecer ao plano de remodelação de Salvador. Novos prédios com arquitetura imponente surgiram no local — houve a desapropriação e demolição de todas as casas do quarteirão oriental. Os grandes magazines come-

çavam a aparecer.

O que mais atraía na Rua Chile eram as casas de moda, lembra o historiador e economista Waldemar Mattos, 74, ao comentar a importância que o comércio teve no lugar. Durante décadas as novidades aconteciam ali, assegura.

O centro político e administrativo da Bahia funcionava ao redor da Rua Chile, explica Mattos, também membro da Academia Bahiana de Letras. De um lado ficava o Palácio do Governo. A prefeitura a poucos metros, erguida no mesmo Paço Municipal — praça que a abriga também hoje, em outro prédio. E a Câmara de Vereadores, de outro lado, completava o triângulo.

Ainda na Praça Municipal ficavam a Biblioteca Pública da Bahia, a Imprensa Oficial (atual Empresa Gráfica) e a Pastelaria Triunfo, "outro ponto de convergência das pessoas que frequentavam o Centro".

Mérito — Outro mérito da principal rua de antigamente foi o de abrigar as primeiras atividades do Tribunal de Contas da Bahia, também segundo Mattos. "No antigo solar nº 19, antigamente habitado por figuras notáveis da sociedade soteropolitana" — o mesmo lugar onde mais tarde funcionou a Casa Duas Américas, "principal magazine da rua".

"Alugado pelo governo imperial para a sede do Tribunal de Apelação e Revista, ali instalou-se a 1ª Corte de Contas da Bahia, no segundo andar do extinto Tribunal de Conflitos e Administrativo", conta.